



## **IV Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Novas Reflexões Sobre as Democracias do Nosso Tempo**

Pelotas, 26, 27 e 28 de setembro de 2022.

### **GT: Teoria do Discurso e Abordagens Interdisciplinares**

#### **GATRIX: um encontro simulado entre Habermas e Ernesto Laclau.**

Leonardo Monteiro Trotta  
Doutor em Ciência da Literatura (Unicarioca/Proped-UERJ)

**Resumo:** Este trabalho é uma proposta de debate entre ideias de Laclau e Habermas, e que surge da experiência com o filme *Matrix Resurrección* (2021). A questão que apresento é abordada em vários momentos do filme. Entretanto, de forma específica, pode ser reduzida nas cenas pós-créditos, onde os desenvolvedores da nova versão de *Matrix* discutem, de maneira irônica, questões que a filosofia contemporânea, apostando na ambiguidade, tentam responder: “O cinema morreu? Os jogos morreram? A narrativa morreu?”. Para tentar responder a tais provocações e fugir ao campo 0 e 1, penso sobre a permanência da utopia revolucionária na contemporaneidade, buscando com Laclau, desconstruir o terreno que traduz a história contemporânea a alternativa modernidade/pós-modernidade. Não abandono, em nenhum momento, assim como Laclau, a demanda revolucionária. Reafirmo, com ele, que esvaziar os conceitos não significa abandoná-los. Ao mesmo tempo, pretendo colocar em questão uma crença habermasiana, abordada pelo filme, de que para a construção de uma alternativa *Matrix* socialista ainda é necessária uma razão prática nos moldes neokantianos.

**Palavras-chave:** democracia radical; interdisciplinaridade; teoria do discurso; esfera pública; *Matrix*.



A subjetividade autônoma reivindica todos os seus direitos.

(Hegel)

When logic and proportion  
Have fallen sloppy dead  
And the White Knight is talking backwards  
And the Red Queen's off with her head!  
Remember what the Dormouse said  
Feed your head  
Feed your head

(Jefferson Airplane)

Devo falar em inglês (como traduzir este “devo”, este dever? I must? I should? I thought to? I have to?) porque me colocam uma espécie de obrigação ou uma condição imposta por uma espécie de força simbólica, ou de lei, uma situação que não controlo.

(Derrida, minha tentativa patética de justificar a assemblage que segue.)

## Introdução

■...

■ Modal<sup>1</sup>101: Violação do usuário.

- “*Bilhões de pessoas vivendo suas vidas, distraídas. Sempre adorei esta frase*”, disse o agente Smith, vestido no seu novo avatar. Seu perfume é Hugo Boss e o terno vale um apartamento de tamanho pequeno em Manhattan.

- “*Há uma necessidade levada ao limite por uma nova Matrix*”, ele conclui. Sigamos então os passos do coelho... A ideologia criptofascista precisa. A metáfora de exploração capitalista precisa. A nova versão da política Trans também precisa. Lembre-se, novas versões vendem. É preciso contar novamente a mesma história ou as pessoas podem enjoar, questionar, zerar o jogo, tentar fugir do binarismo - Ah! o velho charme do 0 e 1 digital, e resolver fazer... política. Política? Não! É preciso um novo carregamento da pílula azul. Não se esqueça dos tiros!

1 Todo modal funciona como um portal de simulação para a evolução de programas.



Há uma série de possibilidades de entrada diante do novo Matrix Resurrections (Wachowski, 2021). O que proponho, utilizando Ernesto Laclau e Junger Habermas como escopo teórico, é discutir o Modal 101, ponto de partida da trama, como proposta de democracia radical diante de um cenário social que a princípio se apresenta apolítico. Na verdade, toda manifestação social e, por consequência, a prática de cidade que o filme apresenta é resultado, demonstrado na própria obra, numa espécie de debate em metacriação. Há uma série de *brainstormings* promovidos pela companhia responsável pela elaboração da nova versão da Matrix: a imponente Deus Machina.

Dessa forma, a nova versão da saga cinematográfica Matrix (WACHOWSKI, 1999), o filme Matrix Resurrections (WACHOWSKI, 2021) apresenta como cenário uma cidade estadunidense. Talvez a cidade de São Francisco, num futuro próximo? O constructo social é um cenário apolítico, escrito em algoritmo, onde as pessoas são controladas em todas as suas ações. Dessa forma, não existe espaço de construção política porque as mesmas não sabem que estão sob controle da Matrix. Trago a fala de uma personagem na cena pós-créditos:

A cultura morreu, o cinema morreu, a narrativa moderna morreu. A mídia e a vida (**acréscimo meu**) são só respostas neurais automáticas e condicionamento viral.

(WACHOWSKI, 2021)

De maneira irônica, a rotina diária de Thomas Anderson (Neo, sob a pílula azul) quando é retratada no filme, mostra suas interações com as pessoas (bots) vidradas em telas de celulares, viciadas em jogos digitais, inertes e submissos. Todos são (somos?) completamente dependentes de IA. *São os bilhões de pessoas que vivem suas vidas de maneira distraída*, cenário escrito pelo algoritmo do próprio Neo. De uma certa maneira, uma hipérbole poética daquilo que Habermas e Laclau tem problematizado:

Formas contemporâneas de tecnocratismo expressariam essa dissolução do político e a redução da gestão da comunidade a uma mera questão de expertise. Trata-se da substituição da política pelo conhecimento, cuja fórmula mais antiga é encontrada em Platão.

(LACLAU, 2011)

Neste contexto, os desenvolvimentos neocorporativistas são promovidos, isto é, uma ativação do potencial de controle não estatal de grandes associações, em primeira linha, de organizações empresariais e sindicatos. O deslocamento de competências parlamentares normativamente reguladas para sistemas de ação



somente funcionais torna o Estado um parceiro de negociação entre outros.

(HABERMAS, 2015)

Assim, nessa hipérbole de ficção social que é a saga Matrix, o próprio Estado é originado pela própria Matrix. Ele também é um algoritmo, assim como a moral humana. Dessa forma, àquilo que Habermas chama de novidade de configuração moderna: *A modernidade inventou o conceito de razão prática como faculdade subjetiva* (HABERMAS, 2012) é bloqueado e extraído de saída pelo algoritmo que estrutura a Matrix<sup>2</sup>, mas é óbvio que isso fica sublimado na cortina de fumaça que é a realidade. Na verdade essa é a questão originária do filme: *Livre-arbítrio ou destino?* Conclui-se assim que o cenário social desenhado em Matrix Resurrections é de total controle dos corpos humanos, e por consequência, de total impossibilidade para a política. Não saberia sinceramente afirmar o grau de virtualidade desse cenário em comparação com a vida contemporânea. Não tenho essa capacidade. Compartilho com a atualidade do que vivemos o mesmo estado catatônico de Neo na sua realidade fictícia nos primeiros 30 minutos de trama. Entretanto, como foi apontado acima, creio que talvez seja possível, sim, entender o filme como uma espécie de estação final da modernidade nos moldes em que ela foi problematizada tanto por Habermas como por Laclau.

Aqui, pode surgir uma pergunta que pode nos ajudar a manter uma certa coerência textual: Então, seriam política e democracia dois lados da mesma moeda? Não, não sou daqueles que têm a crença que a política esteja literalmente associada à democracia. Nesse ponto concordo com Lopes (2012):

Essa análise poderia nos levar a concluir que, se o processo político se estabelece, é porque tal processo é obrigatoriamente democrático, uma vez que a negociação, a tradução e a disputa de sentidos e significados, em maior ou menor medida, são a expressão dos processos políticos. Defendo, contudo, que sempre há disputas de sentidos e significações, em maior ou menor grau, mas nem sempre os processos políticos podem ser caracterizados como democráticos. A democracia vincula-se não apenas à possibilidade de tradução, mas à perspectiva de uma luta agonística e de uma multiplicação de espaços de poder que procurem garantir a possibilidade de tradução.

2 Creio que seja possível a construção de uma análise social apoiada na estrutura medieval. Talvez seja possível também apontar tal cenário como manifestação pós-moderna derivada da Sociedade do Espetáculo de Debord. Deixo aqui esses apontamentos como sugestões futuras. É importante colocar também que em nenhum momento o filme demonstra o sistema de governo adotado. Podemos supor qualquer tipo de situação, inclusive uma democracia representativa nos moldes atuais dos países do ocidente que funcionaria como uma versão teatral de títeres comandado pela Matrix. Mas na vida real isso não cabe, né?



(LOPES, 2012)

Assim, Matrix não é o abandono da política porque não tem na sua prática o exercício democrático. O que afirmo é a impossibilidade política em Matrix porque estão bloqueadas, a princípio, pela arquitetura do próprio sistema, quaisquer possibilidades de derivação de espaços de poder. Não é que não haja poder, já aprendemos que isso seria impossível. A questão é que na hipérbole social que é o filme, o próprio algoritmo é o poder. Não há espaço para surpresa no jogo. Há manifesto uma teocracia digital que elimina qualquer possível derivação que coloque em risco o próprio exercício de governança. Num certo sentido, o filme é o sonho de consumo de ridículos tiranos reais. A faculdade subjetiva no filme é uma prática catatônica onde os afetos estão sempre e propositalmente ausentes. Uma espécie de teatro dos vampiros.

Cito mais um trecho da cena pós-créditos:

-Vamos fazer o que com as pessoas?

-Vamos criar cenas com gatinhos fofinhos!

-Isso, elas adoram gatos.

-Vamos criar a nova Gatrix!

-Vamos encher a rotina das pessoas com vídeos de gatinhos fofinhos!

-Sim! Mas, não se esqueça das cenas de luta!

-É verdade! Gatinhos fofinhos e muita ação!

(WACHOWSKI, 2021)

Aprendemos com Foucault a importância, para o poder, do controle dos corpos. Matrix é a irônica prática dessa afirmação, comparativamente quase um novo arranha-céu em Dubai ou uma nova cidade no Catar para a Copa do Mundo de Futebol. Ao mesmo tempo, aprendemos com Laclau (2011) a importância dos afetos como movimento inaugural para as novidades de demandas políticas. A memória involuntária ou ainda analógica, manifestação metafórica de significantes vazios, e só podem assim ser num certo sentido, que possibilita a própria história, não tem início a partir de uma identidade de sensação fixa, mas a partir de algo que pode ser prazer, felicidade, desespero, indignação, gozo, sem que consigamos apontar com certeza a sua causa ou origem.



Em que ponto estamos? Se alguém tem o controle absoluto de todos os movimentos do jogo, não há espaço para nenhuma novidade e por consequência não há espaço para a política. Predomina no cenário social aquilo que tanto Habermas quanto Laclau apontaram por caminhos próximos, mas distintos, uma sociedade tecnocrata que elimina qualquer possibilidade contingente de manifestação. Não há possibilidade metonímica. Não há espaço para a ação comunicativa. Não há prática discursiva enquanto movimento histórico. Não há esfera pública. A estrutura mais uma vez fica clara no encontro no antigo apartamento de Neo entre as personagens Bugs e o novo Morfeu, bem no começo da trama: *Parece que vivemos numa sociedade programada, num estranho looping infinito*<sup>3</sup>. (WACHOWSKI, 2021)

■ Modal 101: Possibilidade discursiva que muda a história.

Creio que tenha deixado claro a nossa questão diante de *Matrix Resurrections*: Quais os espaços possíveis para a política numa sociedade que é uma ditadura digital? Vimos que essa nova versão da *Matrix* e a própria atualização do sistema que está sendo pensada no próprio filme trabalham com o controle absoluto dos afetos. Se ainda não ficou claro, o que venho chamando de afetos ou demandas afetivas concorda com a leitura que Borges e Lopes fazem de Laclau:

Para Laclau, o afeto funciona como o “moto” que mobiliza/subverte as demandas diferenciais em demandas equivalenciais. Seria, assim, uma força (energia catexial) capaz de fazer a articulação em torno de um nome – os significantes vazios. Ele destaca também que o intervalo (frágil, debilitado, opaco) entre as demandas particulares e sua possibilidade de alcance universal encontra passagem através do investimento afetivo.

(BORGES; LOPES, 2021)

Sem dúvida, há esperança de subversão no modo operante da *Matrix* diante das possibilidades de rompimentos afetivos em metáforas que se formalizam como reivindicações políticas. O que estamos chamando de metáforas? A partir do campo linguístico são referenciais sociais e históricos esvaziados de significantes que continuam a permear toda a história humana, espectros como democracia, sociedade livre, comunismo, igualdade e solidariedade. Os gritos

<sup>3</sup> Um loop infinito é o mesmo que uma *repetição infinita*. Na área de informática e programação de softwares, por exemplo, pode representar um erro na execução de determinado programa, quando este passa a seguir repetidamente a mesma sequência de instruções.



imprevisíveis por justiça social. É óbvio que só gritamos por aquilo que de certa maneira já foi vivido, aquilo que aconteceu ou ficou próximo de acontecer em outro cenário histórico. Por isso a ideia de espectro como uma espécie de retorno. Importante colocar que os espectros não respondem racionalmente aos chamados. Eles não respondem a qualquer invocação racional. Nesse sentido, qualquer fórmula de chamada anterior é impossível de ser construída. Por que são esvaziados? Porque só podem ser preenchidos no momento em que surgem, por isso sua dependência de caráter metonímico. Não há sentido, por exemplo, em procurar a mesma igualdade procurada pelos franceses em 1789. Contudo, dentro da esfera democrática, a história humana só faz sentido se estivermos sempre em busca de igualdade. Assim, não se abandona a metáfora desejanste da igualdade, porém seu recheio, sempre de caráter metonímico, só pode ser saboreado no momento em que se manifesta. Não há receita a priori, por melhor que seja. O movimento metonímico é sempre uma relação espacial que expressa uma demanda territorial que tem natureza afetiva. Aqui se estabelece uma interessante contradição: De certa forma os movimentos metonímicos são sempre localizados em determinado espaço e tempo, simultaneamente, são por constituição, sempre imensuráveis no seu momento de partida. Partimos da premissa que os afetos são por natureza imensuráveis<sup>4</sup> enquanto demanda popular. Para tentar definir, a metáfora, de memória involuntária e analógica, encontra seu apoio numa metonímia que age por contágio<sup>5</sup>, como aponta Laclau no texto *Articulação e os limites da metáfora*, no livro *Emancipação e Diferença* (2011). É desse cenário tropológico que surge a possibilidade do deslocamento da estrutura social, ou no nosso caso, como acontece na primeira cena do filme, o surgimento de um modal como o 101. O fato de ser a primeira cena corrobora com nossa imprevisibilidade histórica. O filme começa nesta cena. Não há explicação anterior. Lembro ainda que por princípio este modal tinha um caráter imprevisível na própria arquitetura do jogo<sup>6</sup>. Para quem não assistiu, é a partir do Modal 101 que Bugs, Neo, Morpheus e Trinity iniciam o processo

4 Aqui há uma questão interessante, que não cabe agora desenvolver que é o limite desses afetos como elementos ainda no campo da significação como acredita a Teoria do Discurso, ou há um extravasamento da linguagem para o campo da a-significação como aponta por exemplo Félix Guattari.

5 Sem dúvida aqui temos uma grande divergência entre nossos dois autores. Ainda que Habermas recorra à esfera pública e ação comunicativa, ele não abandona as brasas da racionalidade na composição da ágora pública. Notadamente esta é uma grande questão a ser resolvida diante do alargamento de fronteiras do espaço público no século XXI.

6 Na verdade, não é assim que se apresenta a questão ao longo da trama. Fica claro que Neo como engenheiro da Matrix deixa em aberto possibilidades de deslocamento estrutural para possíveis novas simulações do jogo. Na história o seu reencontro com Morfeu.



revolucionário que libertará a humanidade do criptofascismo imposto pela Matrix. De maneira óbvia, toda batalha revolucionária é atualizada nos moldes dos jogos digitais, numa tentativa de aproximação com o público mais jovem que por idade não teria assistido à trilogia original. Como eles mesmos brincam no filme: *São as ordens da Warner Bros.* (WACHOWSKI, 2021).

Quase ao mesmo tempo, Habermas, no livro *Direito e Democracia entre facticidade e validade* (2012) e ainda em *A Nova Obscuridade* (2015), também se propõe a repensar o caminho da modernidade, argumentando sobre o esgotamento do modelo adotado que deriva basicamente entre o campo moral e o campo do direito. Ele reconhece um excesso do campo instrumental e racional na prática vigente, incluída aqui a sua primeira ideia de esfera pública ainda muito burguesa, em detrimento de uma nova teoria da ação mais realista para o mundo contemporâneo. Há, segundo Habermas, a necessidade de repensarmos a esfera pública e por consequência a própria democracia radical, alargando as fronteiras do próprio conceito de esfera pública, entendendo o autor que as demandas atuais extrapolam os desenhos previstos pela arquitetura moderna em todos os sentidos. A esfera pública estabelece o limite do político. Qual é a receptividade da esfera pública, hoje?

Demandas no campo do gênero, imigrações ao longo do globo, pautas antirracistas, pautas feministas, a questão ambiental, a falta de moradia, a fragilidade do espaço público, as fake news, a própria imposição algorítmica são questões que não podem mais passar ao largo do debate democrático. Dessa forma, ele estabelece como fundamento, uma nova articulação pela política. Naquilo que ele define:

O primeiro passo reconstrutivo das condições de integração social nos leva ao conceito *mundo da vida* (grifo do autor). O ponto de referência é dado pelo problema: como é possível surgir ordem social a partir de processos de formação de consenso que se encontram ameaçados por uma tensão explosiva entre facticidade e validade?

(HABERMAS, 2012)

Assim, metodologicamente, Habermas amplia a dualidade do campo social moderno para uma tríade: moral, direito e política. Talvez seja a sua última tentativa de manter as brasas quase apagadas da razão nos enfrentamentos do mundo contemporâneo e a sua própria ideia de esfera pública. Ele reconhece, a partir dos anos 80, o esgotamento das energias utópicas e propõe como resposta o conceito de solidariedade no seu novo desenho de democracia





radical (Habermas,2011)<sup>7</sup>. Acredita, assim, na recuperação de uma razão prática a partir da discursividade<sup>8</sup>: a política como espaço deliberativo. O que ele percebe é que a ideia de modernidade que foi estruturada como um pensamento auto referente, uma espécie de contradição entre utopia e movimento histórico, passa a estar diante de uma recusa labiríntica a qualquer tipo de normatividade nos tempos atuais, sem uma apresentação de antítese. Uma espécie de jogo cujo código nos leva sempre a um certo niilismo. Por um outro caminho, tal experiência também é percebida nesse Neo, nos 30 minutos iniciais de Matrix Resurrections. Dessa maneira, é extremamente necessário esse movimento de reconfiguração para uma reativação das possibilidades democráticas.

Na perspectiva de uma teoria da democracia, a esfera pública tem que reforçar a pressão exercida pelos problemas, ou seja, ela não pode limitar-se a percebê-los e a identificá-los, devendo, além disso, tematizá-los, problematizá-los e dramatizá-los de modo convincente e eficaz, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar. E a capacidade de elaboração dos próprios problemas, que é limitada, tem que ser utilizada para um controle ulterior do tratamento dos problemas no âmbito do sistema político.

(HABERMAS, 2012)

Duas questões não são segredo para ninguém, tanto para Laclau quanto para Habermas: os dois deixam de lado na sua filosofia as questões relacionadas à teoria do trabalho e ambos são reformistas num certo sentido. Os dois procuram novas possibilidades para o marxismo se deslocando do cerne da estrutura do marxismo clássico que são os modos de produção, e apostam naquilo que os dois definem como democracia radical a partir de uma guinada linguística. Entendo, por outro lado, que nos dois há uma forte possibilidade de discussão dentro da teoria do valor, se pensarmos numa espécie de deslocamento do próprio conceito e nos afastarmos de uma ortodoxia limitadora no campo econômico. Se apostarmos numa diferenciação das esferas culturais de valor. A própria diferença como valoração. Creio que por esse caminho é possível pensar em novas formas ou modos de vida, partindo do debate

<sup>7</sup> Foi uma solução pensada por ele ainda na década de 80, derivada dos governos Reagan e Thatcher e uma RFA que caminhava para o abraço neoliberal. A mim me parece que Habermas tem muita dificuldade de fugir do conceito iluminista do termo solidariedade.

<sup>8</sup> Ainda que de maneira epistemológica divirja de Laclau por conta da sua profunda restrição ao que ele chama de psicologismo filosófico(Lacan,Freud,Deleuze & Guattari) e, por outro lado, sua restrição a filosofia da pós-modernidade francesa(Lyotard e Derrida, por exemplo). Como ele afirma: *Vivemos na obscuridade com um pano de fundo negativo. De um lado o falso positivismo do capital e sua afirmativa de que a realidade é o que nos resta, e de outro lado uma postura filosófica contemporânea que simplesmente denuncia o momento presente, sem apresentar nenhum tipo de solução.* (HABERMAS,2012)



linguístico que os dois utilizam como ferramenta para a captação de novos efeitos no campo social. Modos ou formas de vida contingentes, de caráter metonímico para Laclau, por exemplo, que surgem derivadas de demandas populares, que vão lutar os jogos vigentes para que se tornem metáforas históricas. Sem dúvida, tal discussão pode ser abarcada pela teoria do valor:

O nome - de um movimento social, de uma ideologia, de uma instituição política - é sempre a cristalização metafórica de conteúdos cujas ligações analógicas resultam da ocultação da contiguidade contingente de suas origens metonímicas. De modo contrário, a dissolução de uma forma hegemônica envolve a reativação dessa contingência: o retorno de uma fixação metafórica “sublime” a uma associação metonímica humilde.

(LACLAU, 2011)

Isso é interessante porque, mesmo os conceitos de revolução, socialismo, anarquismo, comunismo, tão surrados e datados ao longo dos séculos XIX e XX, podem ser reativados respondendo a essa lógica de esvaziamento e preenchimento de significado apontados nas linhas acima. Diante do nosso debate, nada soa tão bem como a expressão *atualização de sistema*, ainda que ela só possa acontecer de maneira diacrônica. Dessa forma, o caráter revolucionário do Modal 101 não se apresenta como contradição ao pensamento de Laclau.

E por que essa guinada epistemológica seria tão importante? Está claro que os dois entendem o poder como possibilidade positiva dentro da esfera da democracia radical. O que pode ser claramente questionado nos dois autores é uma espécie de circularidade no exercício desse poder que acaba privilegiando uma certa prática social, ou mesmo, uma ausência de debate dentro da teoria do Estado e de suas configurações contemporâneas, por exemplo. É óbvio que eles me mandariam ler Hobbes ou Maquiavel e que isso não precisa mais ser posto como questão. Contudo, creio que por um outro lado, algumas demandas contemporâneas e o exercício de suas diferenças em forma e conteúdo, não previstas de nenhuma maneira pela modernidade e o neoliberalismo atual, podem, de alguma maneira, quando não atendidas, provocar uma pressão na própria transcendentalidade do Estado e na sua estrutura tripartida. É inegável que as manifestações culturais atuais, na arte contemporânea, na música atual, no cinema, aliadas às demandas de exploração no campo do trabalho, as questões de gênero, crises endêmicas e ambientais podem trazer como possibilidade o próprio deslocamento da estrutura social moderna como um todo.



Como Laclau mesmo afirma, não há nenhuma garantia sincrônica atemporal para nenhuma estrutura. Acrescenta que, mesmo a mais constatativa das afirmações, e estamos aqui neste texto desconstruindo um jogo - uma estrutura matemática - possui uma dimensão performática. Por isso, para ele não há possibilidade de separação entre teoria e prática ou significação e ação. Cito:

É preciso que um espaço puramente sintagmático/combinatório seja organizado de forma sincrônica? Acho que não. Na medida em que a diacronia não é concebida como intervenção externa contingente, mas como estruturada por uma teleologia, uma sucessão diacrônica é perfeitamente compatível com um grau zero topológico.

(LACLAU, 2011)

Como nos “jogos de linguagem” de Wittgenstein, as palavras e os atos (a que deveríamos acrescentar os afetos) fazem parte de uma rede interdependente. As categorias linguísticas como as dimensões significante/significado e sintagma/paradigma - se teorizadas adequadamente - deixam de pertencer a uma disciplina regional e passam a definir relações que operam no próprio terreno da ontologia geral.

(LACLAU, 2011)

Assim, me parece claro como o revolucionário Modal 101 pode se aproximar enquanto proposta daquilo que Laclau entende como um significante vazio que historicamente se manifesta como nova possibilidade política através de uma metonímia desejante de um grupo, em busca do utópico livre-arbítrio para a humanidade. Para encerrar, é importante problematizar a própria extensão da esfera pública e como a mesma tem se manifestado no século XXI. Vale lembrar que a ampliação de seu espaço de atuação, ao mesmo tempo que possibilita o surgimento de novas vozes importantes silenciadas na própria ideia moderna de estado e configuração europeus, pode, no seu próprio e imensurável extravasamento, promover uma espécie de vale-tudo no campo cultural e a redução de espaço do próprio campo racional. O que pode nos levar pela primeira vez a ouvir certas vozes que foram secularmente silenciadas, mas também a manifestações de ideias obscuras de caráter fascista e, por consequência, à barbárie, um constructo social mais próximo ao de guerra civil do que de democracia. Não obstante, e para exemplificar, vale lembrar que estamos num tempo em que as pessoas questionam a Ciência, as vacinas, a própria existência de uma pandemia e a



circularidade da Terra. Fatos impensáveis em tempos não tão distantes. Creio que não seja necessário fazer nenhuma analogia com o campo político atual e suas bizarras simulações. Há um excesso descontrolado de exposição pública e do mau gosto. Gosto de uma frase de Habermas que pode servir como uma espécie de cláusula de barreira para o cenário que estamos vivendo: *O direito é garantia da estranheza do outro que assim quer permanecer*. Laclau concordaria.

### Referências

- BORGES, Verônica; LOPES, Alice Casimiro. *Por que o afeto é importante para a política? Implicações teórico-estratégicas*. Revista PRÁXIS EDUCACIONAL v. 17, n.48, p. 1-22, OUT./DEZ. | 2021.
- HABERMAS, Jurgen. *Direito e democracia entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2012.
- \_\_\_\_\_ . *A Nova Obscuridade*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LACLAU. *Articulação e os limites da metáfora*. In: *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LOPES, Alice Casimiro. *Democracia nas políticas de currículo*. Cadernos de Pesquisa v.42 n.147 p.700-715 set./dez. 2012.
- MATRIX Resurrections. Direção de Lana Wachowski. Los Angeles: Warner Bros, 2021.
- OLIVEIRA, Juliano Cordeiro da Costa. *Habermas e a esfera pública: as aventuras de um conceito*. ARGUMENTOS - Revista de Filosofia/UFC. Fortaleza, ano 13, n. 26 - jul.-dez. 2021.